

# MEIN KAMPF: UM TEXTO NAZISTA EM SEUS DOIS MOMENTOS – UMA ABORDAGEM DO ESCRITO DE HITLER COMO FONTE HISTÓRICA

*Mein Kampf*: a Nazi text in its two moments – an approach to Hitler’s writing as a Historical Source

---

*José D’Assunção Barros<sup>1</sup>*

## RESUMO

O artigo procura abordar o livro *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, como fonte histórica que permite dar a compreender aspectos diversos do pensamento nazista, mostrando as potencialidades historiográficas desta fonte, suas intertextualidades, estratégias discursivas, recepções, além das relações que devem ser estabelecidas entre texto e contexto histórico. Ao final do artigo, utiliza-se a metáfora do acorde musical para a compreensão de que o pensamento nazista é produzido por uma combinação de notas que podem ser percebidas nesta e em outras fontes históricas relacionadas ao nazismo alemão e ao pensamento hitlerista.

Palavras-chave: Nazismo; Hitler; *Mein Kampf*; Livro; Fonte Histórica.

## ABSTRACT

The article seeks to approach the book *Mein Kampf*, written by Adolf Hitler, as a historical source that allows to understand different aspects of Nazi thought, showing the historiographic potentialities of this source, its intertextualities, the discursive strategies employed by the author, the receptions of the book, as well as the relations that must be established between text and historical context. At the end of the article, the musical

<sup>1</sup> Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de graduação e pós-graduação em História. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: jose.d.assun@globomail.com.

metaphor of the chord is used to understand that Nazi thought is produced by a combination of notes that can be perceived in this and other historical sources related to German Nazism and Hitler thought.

Keywords: Nazism; Hitler; *Mein Kampf*; Book; Historic Source.

### RESUMÉN:

El artículo aborda el libro *Mein Kampf*, escrito por Adolf Hitler, como una fuente histórica que permite comprender diferentes aspectos del pensamiento nazista, mostrando las potencialidades historiográficas de esta fuente, sus intertextualidades, las estrategias discursivas empleadas por el autor, las recepciones del libro, así como las relaciones que deben establecerse entre el texto y el contexto histórico. Al final del artículo, la metáfora musical del ‘acorde’ se utiliza para comprender que el pensamiento nazi se produce mediante una combinación de notas que se pueden percibir en esta y otras fuentes históricas relacionadas con el nazismo alemán y el pensamiento de Hitler.

**PALABRAS-CLAVE.** Nazismo; Hitler; *Mein Kampf*; Libro; Fonte Histórica.

## ***Mein Kampf*: uma escrita de si na Alemanha Nazista**

Neste artigo, pretendemos abordar as potencialidades do livro *Mein Kampf* – obra escrita pelo líder máximo de um dos mais sinistros movimentos conhecidos pela história alemã – como fonte histórica. Pretendemos analisar o lugar de produção desta fonte histórica, as suas estratégias discursivas, bem como repensar os problemas historiográficos que devem incidir sobre esta obra e os problemas históricos que ela pode ajudar a compreender. Como trabalhar o *Mein Kampf*, escrito por Adolf Hitler na Alemanha pré-nazista e elevado à condição oficial de obra representativa do nazismo durante o período hitlerista, como fonte histórica? Esta é a questão central que pretendemos abordar neste artigo.

O contexto é bem conhecido. Vamos considerá-lo em dois momentos: a Alemanha pré-nazista, onde se gesta a escrita do livro, e o período em que o regime hitlerista está já instalado, quando a obra pode ser reapropriada para atender a novas demandas do regime hitlerista. A

fonte histórica abordada – o *Mein Kampf* (1924) – foi redigida pelo chefe de Estado que, junto a tantos outros que com ele colaboraram, implantou na Alemanha de sua época um estado totalitário de extrema-direita, o qual pode ser responsabilizado por diversas das atrocidades cometidas durante a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Abordaremos a posição social, o acorde de identidades, as intertextualidades e as circunstâncias de Adolf Hitler (1889-1945) por ocasião da elaboração do *Mein Kampf*. Vamos tentar entender – de uma perspectiva historiográfica que o abordará como fonte histórica possível – o que foi mais propriamente este texto que hoje pode ser tomado como fonte histórica importante para a compreensão da mentalidade nazista, de suas estratégias para a conquista do poder e motivações, bem como de suas posições e opções fundamentais.

As fontes históricas não costumam enunciar explicitamente os aspectos relativos ao seu ‘lugar de produção’, ‘circunstâncias’, ‘gênero’ de texto em que se enquadram, ou a que público receptor se destinam. Contudo, nesta fonte temos precisamente esta situação excepcional. Logo à entrada de *Mein Kampf*, seu autor se preocupa em situar bem claramente as circunstâncias de produção da obra:

“No dia 1º de abril de 1924, por força de sentença do Tribunal de Munique, tinha eu entrada no presídio militar de Landsberg sobre o Lech. / Assim se me oferecia, pela primeira vez, depois de anos de ininterrupto trabalho, a possibilidade de dedicar-me a uma obra, por muitos solicitada e por mim mesmo julgada conveniente ao movimento nacional-socialista / Decidi-me, pois, a esclarecer, em dois volumes, a finalidade do nosso movimento e, ao mesmo tempo, esboçar um quadro do seu desenvolvimento. / Nesse trabalho aprender-se-á mais do que em uma dissertação puramente doutrinária. / Apresentava-se-me também a oportunidade de dar uma descrição da minha vida, no que fosse necessário à compreensão do primeiro e do segundo volumes e no que pudesse servir para destruir o retrato lendário da minha pessoa feito pela imprensa semítica” (HITLER, 1983, p.9).

As primeiras palavras do prefácio de *Minha Luta*, como vemos, situam o livro na exata especificidade de suas circunstâncias. Habitua-

nos a pensar em Hitler no exercício de seu poder ditatorial, já à testa da Alemanha Nazista. Entretanto, esta estranha e singular obra foi escrita não ainda pelo poderoso e inescrupuloso ditador alemão Adolf Hitler, mas sim por um líder de extrema-direita que mal iniciara sua trajetória política e que apenas começava a adquirir visibilidade a partir do Julgamento de Munique – um processo que versou sobre o fracassado “golpe da cervejaria” que havia sido perpetrado por militantes nazistas em 9 de novembro de 1923.

Como pode ser entrevisto no próprio texto, Hitler escreve este seu tristemente famoso livro na prisão. As condições prisionais, não obstante, não lhe foram nada opressivas, e o texto já nasceria acalantado pelas expectativas que começavam a se produzir em torno da figura de Hitler em certos setores do pensamento direitista e conservador. Documentos encontrados em 2010 – entre os quais registros prisionais, relatórios de carcereiros e listas de visitantes que travaram diálogos constantes com Hitler na prisão – confirmam as condições especialmente favoráveis que foram oferecidas a Hitler não apenas para a elaboração de *Mein Kampf*, mas também para o fortalecimento de sua liderança junto à reestruturação do movimento nazista durante o seu período prisional.

Voltaremos mais adiante a uma discussão mais específica sobre o contexto imediato e precedente da escrita de *Mein Kampf*, pois, se a obra é composta em 1924 – durante o encarceramento de Hitler após o julgamento do *Putsch* –, já o que explica simultaneamente a sua possibilidade de ser escrita e de ser difundida com surpreendente sucesso é o ano de 1923 com seu contexto precedente. Devido aos acontecimentos que o levam à prisão, Hitler traz consigo uma singular ambiguidade que ajuda a demarcar o lugar de produção de sua obra: foi derrotado no que se refere ao fiasco que foi o chamado “golpe da cervejaria”, mas estava inusitadamente célebre em decorrência da extraordinária visibilidade que adquirira seu julgamento relacionado a este mesmo golpe. Derrotado e célebre, na verdade foi

2 As listas de Landsberg mostram as visitas recorrentes de Erich Ludendorff, general estrategista do exército alemão na Primeira Guerra e aliado de primeira hora no golpe da cervejaria – e parceiros no movimento como Ernst Röhm (chefe da SA), Wilhelm Frick (futuro ministro do interior do III° Reich) e Alfred Rosenberg, principal ideólogo nazista. A presença deste último entre os interlocutores prisionais de Hitler, aliás, deve ser avaliada como um elemento intertextual importante que interage no ‘lugar de produção’ de *Mein Kampf*. Além do amplo acesso a visitas, as condições prisionais de Hitler foram tão favoráveis, que a ala no segundo andar da prisão de Landsberg, na qual ele se alojava, chegou a ser apelidada de *Feldherrenhügel* (“colina do general”).

vitorioso em se tonar nacionalmente conhecido e em se apresentar a setores significativos da população alemã como um líder capaz de afrontar a crise da frágil democracia alemã do pós-guerra, que havia atingido seu ponto mais crítico em 1923 .

Deve ser observado ainda um importante fator de ‘intercontextualidade’ (diálogo entre dois contextos). Na Itália – país que emergira do primeiro conflito mundial com uma crise social algo análoga à da Alemanha e que, desde março de 1919, assistira à formação do Partido Fascista Italiano – um líder com características bastante similares às de Hitler já havia dado um golpe recentíssimo na democracia italiana. Benito Mussolini (1883-1945) realizara, em 1920, a sua triunfal e bem sucedida marcha sobre Roma, dando início à introdução de regimes fascistas na Europa do entreguerras, a qual não tardaria a conhecer a experiência totalitária de ultradireita do franquismo, na Espanha, o salazarismo português, a partir de 1926 , além da própria instalação do Nazismo na Alemanha, a partir de 1933. O sucesso pioneiro da experiência fascista italiana certamente ofereceu uma motivação adicional ao movimento nazista alemão. Enquanto escrevia *Mein Kampf*, Hitler já podia vislumbrar, a partir de uma experiência histórica concreta e bem recente,<sup>5</sup> uma solução bem próxima à que queria propor para a sua Grande Alemanha .

3 1923 – em todo o contexto de patente fragilidade da República de Weimar no tenso pós-guerra que havia sido ditado aos alemães pelo Tratado de Versalhes – foi um ano particularmente crítico para a Alemanha. A sujeição às potências vencedoras da Primeira Guerra atingira seu ponto alto de visibilidade. Ainda em janeiro daquele ano, tropas francesas e belgas haviam ocupado a bacia de Ruhr, centro industrial da Alemanha. Somada à crise econômica, essa humilhação política dava o tom da instabilidade e da eclosão de greves e protestos no país. Este momento particularmente perturbador será interpretado pelo grupo nazista como propício para um golpe, que logo se revelaria ao mesmo tempo voluntarioso e desajeitado.

4 A ditadura salazarista estabelece-se entre 1932 e 1974, embora o golpe de 1926 na democracia liberal portuguesa já abra caminho para a sua instalação. No país vizinho, depois da Guerra Civil (1936-1939), a ditadura franquista se instala e irá durar de 1939 a 1975. O contexto totalitário ibérico, portanto, sobrevive à dissolução do fascismo italiano e do nazismo alemão com a derrota destes dois países na Segunda Grande Guerra.

5 Os dois horizontes nacionais admirados por Hitler, à época de feitura do *Mein Kampf*, eram a Itália de Mussolini – modelo de nacionalismo radical – e os Estados Unidos da América, modelo de rejeição da miscigenação e de limitação aos direitos dos estrangeiros: “Há um país em que, pelo menos, se notam fracas tentativas para melhorar essa legislação. Naturalmente não me refiro à nossa modelar República Alemã mas ao governo dos Estados Unidos da América do Norte, onde se está tentando, embora com medidas parciais, por um pouco de senso nas resoluções sobre este assunto / Eles se recusam a permitir a imigração de elementos maus sob o ponto de vista da saúde e proibem absolutamente a naturalização de determinadas raças. Assim começam lentamente a executar um programa dentro da concepção racista do Estado” (HITLER, 1983, p.273).

## O Gênero textual, estilo e público-alvo de *Mein Kampf*

Por ora, antes de aprofundar o contexto mais específico da Alemanha pré-Nazista – o ‘lugar-tempo’ que delinea com maior precisão o lugar de produção de *Mein Kampf* – sigamos adiante para a compreensão de outro aspecto particularmente importante pertinente a esta obra. O gênero do texto exposto em *Mein Kampf* também é discutido na mesma passagem que destacamos anteriormente. Trata-se de uma obra doutrinária, como o próprio autor admite ao fixar como seus objetivos centrais prestar esclarecimentos sobre a finalidade do movimento nacional-socialista e oferecer um quadro do seu desenvolvimento. Não obstante, logo a seguir percebemos que se trata de um gênero híbrido, pois Hitler anuncia que também oferecerá uma descrição de sua vida. Deste modo, podemos situar a hibridez deste gênero na confluência entre o ‘ensaio doutrinário’ e a ‘escrita de si’ (categoria de fontes históricas que abarca gêneros textuais como os diários e as memórias).

Além de se apresentar entrelaçadamente como um ‘manifesto político’ e um ‘relato autobiográfico’, há ocasiões do livro em que podemos ler pequenas profecias sobre o futuro próximo e distante, ao mesmo tempo em que se desfia um corolário de ideias fixas destinadas ao combate político. Também não faltam trechos de argumentações pretensamente científicas sobre questões polêmicas como o racismo. Ao lado disso, em alguns momentos quase entrevemos Hitler compondo pequenos fragmentos de um desajeitado ‘espelho de príncipes’ para ele mesmo, em trechos nos quais discute o poder. Por fim, e de modo ainda mais explícito, a obra também oferece elementos para um manual dedicado aos militantes nazistas, pois logo a seguir o futuro ditador nazista esclarece quem é o seu público leitor privilegiado com este trabalho:

“Com este livro eu não me dirijo aos estranhos mas aos adeptos do movimento que ao mesmo aderiram de coração e que aspiram a esclarecimentos mais substanciais” (HITLER, 1983, p.9).

A obra se destina – em seu polo receptor mais imediato – não aos possíveis eleitores do Partido Nazista ou aos simpatizantes do movimento,

e muito menos àqueles que ainda não o conhecem (não era, em seus primórdios, apresentado como um livro de divulgação para atrair novos simpatizantes para o Partido Nazista); destina-se, na verdade, aos militantes que precisam ser formados e orientados. Isso explica que Hitler fale muito claramente, em algumas passagens do texto, sobre estratégias a serem empregadas para a tomada do poder, sobre inimigos a serem escolhidos como bodes-expiatórios – e por que motivo – bem como sobre aspectos do nazismo que foram evitados, por exemplo, no Programa do Partido Nacional-Socialista lançado em 1920. Este segundo documento – embora já nomeie alguns de seus inimigos e esclareça linhas mestras da perspectiva nazista, ou mesmo anuncie a exclusão de cidadania que pretende ser promovida contra determinados grupos – ainda almeja atrair eleitores, e é a eles que se dedica. Os leitores previstos originalmente pelo *Mein Kampf*, ao contrário, já aderiram ao movimento, e isto explica o uso de uma linguagem particularmente franca e direta, que não contorna algumas das questões polêmicas trazidas pelo nazismo, e que discute estratégias e dissimulações que devem ser empregadas pelos militantes do movimento.

Conforme observaremos mais adiante, o *Mein Kampf* acaba tendo um sucesso surpreendente, até mesmo inesperado, e termina por alcançar outros tipos de leitores a partir de 1925; principalmente em 1933, já com Hitler no poder máximo da Alemanha, atinge novos perfis de leitores e consumidores. Em outras épocas, grupos de neonazistas se reapropriarão ainda, de novas maneiras, desta obra atravessada por perspectivas racistas e discursos de ódio. Por outro lado, o livro irá atrair a curiosidade de muitos outros tipos de leitores, ainda que contrários às ideias desafiadas pelo líder nazista nas páginas de sua obra. De alguma maneira, todos estes novos tipos de leitores contrastam com o leitor original previsto por Hitler quando elaborou os dois volumes de *Mein Kampf* entre 1923 e 1925.

Ainda na mesma sequência do texto, Hitler se posiciona como

<sup>6</sup> “Faz parte da genialidade de um grande condutor fazer parecerem pertencer a uma só categoria mesmo adversários dispersos, porquanto o reconhecimento de vários inimigos nos caracteres fracos e inseguros muito facilmente conduz a um princípio de dúvida sobre o direito de sua própria causa” (HITLER, 1983, p.82-84).

<sup>7</sup> Na Alemanha nazi, até a sua derrocada, a circulação do *Mein Kampf* ultrapassará o patamar de doze milhões de exemplares. A estimativa é de Othmar Plockinger (2011).

<sup>8</sup> Hitler escreveu outro livro em 1928. Chamou-se *A Expansão do III Reich*, e não foi publicado senão postumamente, nos anos 1960, embora tenha sido encontrado no cofre-forte do ditador, por soldados americanos, ainda em 1945.

alguém que é muito mais um orador que um escritor, e esse aspecto é especialmente importante porque já nos oferece um elemento essencial para o traçado do acorde de identidades de Hitler, que situa a oratória como um aspecto fundamental de seu conjunto de características. O futuro ditador nazista, desta forma, já nos fornece aqui pistas importantes sobre como enxerga a si mesmo:

“Sei muito bem que se conquistam adeptos menos pela palavra escrita do que pela palavra falada e que, neste mundo, as grandes causas devem seu desenvolvimento não aos grandes escritores mas aos grandes oradores. / Isso não obstante, os princípios de uma doutrinação devem ser estabelecidos para sempre por necessidade de sua defesa regular e contínua. / Que estes dois volumes valham como blocos com que contribuo à construção da obra coletiva” (HITLER, 1983, p.9).

A ligação de Hitler à palavra falada e à oratória é um traço tão forte de seu acorde de identidades, que talvez explique que, ao invés de escrever o livro de maneira tradicional, o futuro *Führer* preferiu ditá-lo, pelo menos em um número muito grande de suas passagens. Além disso, o trecho final do fragmento acima já mostra a intenção de estabelecer um texto fundamental, cujos princípios não deverão ser mais modificados. Tais princípios devem ser estabelecidos ali “para sempre”, e não haverá mais necessidade de rediscuti-los. De fato, logo o *Mein Kampf* se tornaria a obra doutrinária oficial do Nazismo, um livro que não apenas se afirmaria pelo texto que apresenta, mas também como objeto de culto, parte da propaganda nazista e do projeto de forjar mentes bem ajustadas ao regime.

## *O autor e o Nazismo em sua Sociedade*

Nesta seção, procuraremos situar a obra e o autor em sua sociedade. Conforme já assinalamos, o polêmico texto que não tardaria a ser publicado pela editora oficial do Partido Nazista com o título de *Mein Kampf* teve seus originais escritos na Alemanha de 1924 – sob o peso dos acontecimentos de 1923 – mas é oportuno destacar que o seu autor havia nascido cidadão do Império Austro-Húngaro, uma entidade binacional que havia existido de 1867 e 1918, quando entra em colapso após a Primeira Guerra Mundial. A parte germânica do Império iria logo se configurar na unidade geopolítica que ficou conhecida como Áustria, mas é bom lembrar que Hitler em 1913 havia migrado para a Alemanha e se integrado formalmente a este país, chegando a lutar pelo exército alemão na Primeira Grande Guerra. Deste modo, uma nota importante de seu ‘acorde de identidades’ refere-se ao fato de que ele já se via, desde então, como um cidadão da Grande Alemanha. Unificar Alemanha e Áustria, aliás, será um dos primeiros projetos de Hitler, relacionado à ideia de uma Grande Alemanha e ao princípio do pangermanismo .

A base social que irá possibilitar o fortalecimento do movimento nazista e a posterior ascensão de Hitler ao poder contará principalmente com o entusiasmo popular e com o apoio da burguesia reacionária alemã, tudo ao calor das ideias ultranacionalistas, xenófobas e antisemitas que permeiam o contexto da Alemanha fragilizada pelas condições impostas pelo Tratado de Versalhes. O nacionalismo, xenofobia, racismo e antisemitismo, ao lado da perspectiva totalitária e do fanatismo assumido como estratégia e impulso para alcançar o poder, tanto constituem fatores importantes para o delineamento do lugar de produção de *Mein Kampf*, assim como também deixam suas marcas no próprio texto deste livro, que desenvolve estas ideias em uma perspectiva muito particular, a qual tanto se alinha ao conjunto de outras experiências fascistas da Europa de sua época, como destas se destaca a partir de suas próprias singularidades.

Delineiam-se como demandas e concepções mais específicas

9 Eher-Verlag.

10 Diz o início do primeiro capítulo de *Mein Kampf*: “Por uma bem-afortunada predestinação, nasci em Braunau-na-Inn – uma aldeia situada precisamente na fronteira entre estes dois estados alemães cuja nova fusão surge, diante de nós, como uma tarefa essencial a ser perseguida por todos os meios. A Áustria alemã deve retornar à grande pátria alemã [...] O mesmo sangue pertence a um mesmo império” (HITLER, 1983, p.11).

do nazismo a obstinada insistência na necessidade e no pretensão direito ao que é conceituado no *Mein Kampf* como ‘espaço vital’ (*Lebensraum*), principalmente ao Leste da Alemanha, e a exposição recorrente de uma concepção histórica na qual se transpõe a luta das espécies, à maneira darwinista, para o plano político e social, evocando-se uma incessante luta entre raças biologicamente bem demarcadas – luta da qual emergiria a própria possibilidade do progresso humano. Além disso, compõem a especificidade da concepção hitlerista, de um lado, a elevação do antissemitismo ao patamar de uma luta contra o “judaísmo internacional”, e, de outro, a rejeição obsecada do Marxismo, normalmente sendo associados estes dois aspectos como parte de uma conspiração maligna, o que termina por trazer à argumentação hitleriana uma certa tonalidade mística.

Há ainda um enorme esforço em unir estes vários temas como se fossem as faces de uma mesma moeda. Há um “comunismo judaico internacional”, frequentemente amparado na argumentação oportunista de que a família de Karl Marx – um dos fundadores da perspectiva do Materialismo Histórico – tinha origem judaica. A ideia de um povo alemão unificado une-se à futura perspectiva de luta pelo espaço vital, demarcando-se de antemão o projeto belicoso e militarista do Nazismo . Tudo o que poderia estar disperso vai se aglutinando em torno de um único programa, ou mesmo de um conjunto mínimo de princípios, como se uma coisa dependesse da outra: a Alemanha é incompatível com as ideias socialistas, e estas constituem uma infiltração judaica (não alemã); a luta pelo espaço vital e a perspectiva da expansão belicosa são ao mesmo tempo consequências e condições para a formação de uma unidade do povo de sangue alemão. Há minorias alemãs na Polônia e na Tchecoslováquia? Isto justifica que estes territórios, para além da Áustria, sejam os primeiros a serem anexados à Grande Alemanha – e que sua maioria populacional não germânica seja transformada em uma comunidade de “súditos”, ou mesmo de “estrangeiros” em sua própria terra. Depois, virão as colônias, por toda parte, apresentadas como um direito do povo alemão. Com golpes impiedosos, tudo se alinha. Nacionalismo germânico e racismo ariano devem interagir como faces

11 “O povo alemão não terá qualquer direito a uma atividade política colonial, enquanto não tiver tido sucesso em reunir seus próprios filhos em um mesmo estado Quando o território do Reich contiver dentro de si todos os alemães, e em caso de que se revele a incapacidade de alimentá-los a todos, desse povo unificado nascerá seu direito moral de adquirir terras estrangeiras. O arado dará lugar à espada; e as lágrimas da guerra prepararão a colheita do mundo futuro” (HITLER, 1983, p.11).

geminadas de uma mesma moeda.

O nazismo, deste modo, ao mesmo tempo em que está sintonizado com outros movimentos totalitários de direita que eclodem pela Europa, proclama, altissonante, as suas próprias especificidades. Para que a nova ordem se estabeleça, cumprindo os “desígnios da história”, preconiza-se a figura do *Führer*, a exemplo do *Duce* italiano. Vejamos, em seguida, mais um pouco sobre as características e circunstâncias que envolvem o principal líder do movimento nazista, ao mesmo tempo em que poderemos compreender a própria trajetória do Partido Nazista (NSDAP) que o tem à frente de suas fileiras.

Com relação à sua posição política e filiação partidária, Hitler adentrara em 1919 para o Partido Trabalhador Alemão (DAP), um partido efêmero que existe desde este ano até 1920 e que seria precursor do Partido Nacional-Socialista, do qual Hitler se torna líder a partir de 1921. O golpe falhado de 1923 – que ficou conhecido como o “*Putsch* da cervejaria” – demarca inegavelmente a projeção inicial do Partido Nazista para além de seus limites locais. Outra marca particularmente importante de intercontextualidade é o fato de que – inspirando-se na ‘Marcha sobre Roma’ promovida pelo ditador fascista italiano Benito Mussolini – os nazistas pretendiam fazer com que suas ações culminassem em uma ‘Marcha

12 Na verdade, Hitler – antigo cabo de um exército alemão desativado pelo Tratado de Versalhes – adentra o DAP para cumprir a função de espião-delator que lhe fora confiada por oficiais de informação ligados ao exército. Sua função era observar e produzir relatórios sobre o movimento ultranacionalista que vinha se fortalecendo na Alemanha do pós-guerra. O DAP era um dos grupelhos de extrema-direita que se tinham formado neste contexto. Ao se identificar visceralmente com as ideias racistas e ultranacionalistas do grupo, Hitler logo passa de espião infiltrado a militante, e em uma das reuniões do grupo decide tomar a palavra, quando então revela possuir, para os outros e para si mesmo, um inspirado potencial para a oratória – qualidade que ajudaria a conduzi-lo em dois anos à liderança do movimento.

13 A tentativa de golpe perpetrada pelo *Putsch* da Cervejaria constituiu, por um lado, de um esforço de se apropriar de outro movimento que vinha ocorrendo na Baviera, e que discutia a possibilidade de secessão. Ao invadir uma reunião deste movimento na cervejaria Bürgerbräukeller, em 8 de novembro de 1923, os militantes nazistas empenham em se apropriar deste movimento, através de ações que precedem o seu confronto com a polícia, na manhã seguinte, após a tentativa subsequente de ocupação do Ministério do Interior da Baviera. Da pequena revolta que termina por ser facilmente debelada pela polícia, resulta a imediata prisão de diversos de seus membros e a morte de 16 militantes entre os integrantes do movimento nazista, aos quais, mais tarde, Hitler se referiria na dedicatória escrita em 16 de outubro de 1924 para o seu livro *Mein Kampf*. Deste golpe falhado e desastroso resultará, ironicamente, a projeção nacional de Hitler e de seu movimento. Mais adiante, o julgamento de Hitler se converteria em um palco para a projeção de um discurso nacionalista e radical que finalmente consegue alcançar um circuito mais amplo da população alemã.

sobre Berlim<sup>14</sup>. As ações, entretanto, resultam em desastre, e o movimento terminaria por ser facilmente debelado.

Curiosamente, o movimento nazista – através de insistente propaganda e oportunismos diversos – terminou por alcançar pleno sucesso no projeto de transformar seus fracassos iniciais em eventos memoriais: o golpe da cervejaria, de um desastrado fiasco que poderia ter encerrado ali mesmo a aventura nazista, mais tarde se transmutaria no evento primordial da ascensão hitlerista; o julgamento e condenação do líder inesperadamente transformam-se em palco improvisado para um ambicioso discurso nacionalista; por fim, a breve vida prisional de Hitler iria se converter em confortável patamar para a elaboração de sua “bíblia” e para a reestruturação de todo o movimento nazista em direção à gradual tomada do poder. Por outro lado, apesar de suas reuniões ruidosas e de seu relativo sucesso desde o retorno de Hitler da prisão de Landsberg, é somente em 1933 que o Partido Nazista torna-se efetivamente majoritário no *Reichstag* (parlamento alemão), e é também neste ano que Hitler impõe sua indicação para Chanceler da Alemanha.

Daí por diante, a partir de artifícios aprovados pelo Parlamento, a pluripartidária República de Weimar começa a se transformar na Alemanha Nazista, uma ditadura totalitária de extrema-direita gerida por um partido único. Já desde os seus primeiros anos, as restrições que haviam sido impostas à Alemanha derrotada pelo Tratado de Versalhes começam a ser ignoradas, enquanto concomitantemente a economia do país se recupera, trazendo grande popularidade a Hitler. Já desde 1933, por exemplo, o ditador nazista inicia tanto um programa de reindustrialização como um concomitante programa de rearmamento da Alemanha – confrontando, neste último caso, uma das cláusulas do Tratado de Versalhes e preparando o caminho para a aventura belicosa que mergulharia a Europa na Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945).

Sabe-se o resto da história, amplamente conhecida pelos horrores bélicos a ela ligados e pelas práticas de repressão emblemáticas pelos

14 Já no período do III° Reich, após 1933, Landsberg será designada memorialmente como a “capital da juventude do Reich”, convertendo-se em um centro de peregrinação. Em um rito que se tornou comum e que era celebrado na praça central da cidade, os recém-ingressos na “juventude hitlerista” passariam a receber ali seus exemplares de *Mein Kampf*. De igual maneira, o III° Reich preservou a cela de Hitler, com a mesa e a máquina de escrever na qual foi digitado o original do livro. Literalmente, o fracasso do *Putsch* foi revertido no marco inicial de uma jornada triunfante.

campos de concentração e por inúmeras outras violências e atrocidades. A “solução final” será o seu capítulo mais tenebroso. Mas o momento que nos interessa, para os objetivos mais imediatos de nossa análise, é o ano de 1923, no qual começa a se gestar o ‘lugar de produção’ da nossa fonte em estudo, esboçada no final deste ano e escrita mais sistematicamente a partir de abril 1924. É preciso frisar que, já desde 1919, Hitler já vinha assimilando ideias nacionalistas, racistas, xenóforas e antisemitas – ideias que, na verdade, não eram só suas, uma vez que estavam no ar na Alemanha do pós-guerra e mesmo antes. A partir de 1920 o futuro ditador nazista encontra seu palco político pessoal para difundir estas ideias e criticar, em seus discursos locais, a chamada República de Weimar e, principalmente, o Tratado de Versalhes. Essa crítica aparece, já bem consolidada, tanto no *Programa do Partido Nazista*, de 1921, como nas páginas de *Mein Kampf*, em 1924. Por outro lado, a crítica à sujeição da Alemanha de Weimar já vinha sendo agitada, desde fins da Primeira Guerra, por jornais ultranacionalistas como o *Völkische Freiheit* – e a partir de 1920 pelo próprio jornal do Partido Nazista Alemão, o *Völkische Beobachter*, o qual começa a circular semanalmente a partir de 25 de dezembro de 1920 e se torna um jornal diário a partir de fevereiro de 1923. Esta mudança de ritmo na periodicidade do periódico nazista já nos mostra como foi emblemático este ano que culmina com o *Putsch* da Cervejaria e com o encarceramento dos principais militantes nazistas.

Com relação aos lugares imediatos de produção de *Mein Kampf* e suas circunstâncias, é preciso assinalar, já de saída, que a obra possui dois volumes distintos e compostos em circunstâncias diversas. O primeiro volume foi ditado e digitado em 1924, ao longo dos nove meses em que Hitler esteve preso em Landsberg em decorrência de sua condenação pelo “golpe da cervejaria”. Esse volume, entretanto, só seria publicado em 1925.

15 Algumas destas ideias vinham de longe. Podemos dar como exemplo o circuito de ideias relativas ao racismo arianista e ao antisemitismo. H. S. Chamberlain escrevera em 1899 o livro *As Fundações do século XIX*, no qual articulava em uma única teoria racista o antisemitismo e o darwinismo social, propondo a hipótese indemonstrável de que, em um planeta que decaía na miscigenação, só haviam restado duas raças que conservavam a pureza original: uma superior, a raça ariana, e uma inferior, a judaica – sendo por isso que as duas iriam inevitavelmente lutar pela supremacia. No ano seguinte, Ludwig Woltmann iria argumentar que a raça ariana, “ápice da evolução humana”, fora naturalmente “selecionada para dominar a terra”.

16 Como réu aguardando o julgamento e seus resultados, Hitler adentra o sistema prisional em novembro de 1923. Como condenado, já para cumprir a sua sentença, sua entrada na Fortaleza de Landsberg data de 1º de abril de 1924. A pena fora fixada em 5 anos de prisão – algo leve para a gravidade do delito – mas Hitler irá cumprir só 9 meses.

Já o segundo volume já foi escrito fora da prisão e editado, pela primeira vez, em 1926. Durante o III° Reich, a obra teve extraordinária divulgação. Com os dois volumes unificados em um único tomo, estima-se que, até o final do regime, tenham sido vendidos 12.450.000 exemplares.

No que concerne ao seu momento original de gestação, durante a prisão de Hitler, é ainda oportuno lembrar que partes significativas da obra foram ditadas para Emil Maurice (1897-1972), correligionário nazista que desde 1919 mantinha fortes ligações pessoais com Hitler e que se tornaria mais tarde o primeiro “líder supremo da SA” . Também Rudolf Hess (1894-1987) atuou ocasionalmente na função de verter para o papel trechos discursivos de Hitler. Finalmente, entremeadas com os textos ditados, várias partes de *Mein Kampf* foram digitadas por Hitler na sua máquina de escrever em Landsberg.

As condições e circunstâncias materiais para a maturação e elaboração do primeiro volume de *Mein Kampf* não poderiam ser melhores. Hitler tem uma cela individual à sua disposição, com uma bela vista gradeada. Ocorre que o próprio diretor da fortaleza é simpatizante da causa ultranacionalista, e procura assegurar a Hitler uma excelente estadia prisional . Os cuidados incomuns franqueados a Hitler terminam por se refletir, obviamente, nas condições que permitiram que ele se tornasse um escritor – sofrível, é verdade –, ao contraponto de uma natureza que privilegiava francamente

17 Emil Maurice havia sido fabricante de relógios; entre julho e agosto de 1923, havia servido como motorista de Hitler, de quem já era amigo desde 1919.

18 Leybold – o diretor do presídio de Landsberg à época do encarceramento de Hitler – redigirá alguns meses depois, em 15 de setembro de 1924, um relatório elogioso sobre Hitler como detento, recomendando a sua soltura ao tribunal bávaro. Procurando esquecer as explosões de cólera de Hitler nos primeiros dias de seu encarceramento, e também a greve de fome que fizera na ocasião, Leybold procura retratar o Hitler que já se acomodara às confortáveis condições que lhe foram oportunizadas na prisão, nos meses seguintes. O Hitler pintado no relatório do diretor Leybold é “um homem ordeiro e disciplinado”, que havia se tornado “mais maduro e mais calmo do que fora antes”. O relatório, evidentemente, dirige-se a leitores muito específicos: magistrados bávaros que podem se decidir ou não pela liberação do líder nazista bem antes do cumprimento de sua pena de cinco anos. Procura, inclusive, dar garantias aos políticos bávaros de que Hitler não guarda ressentimentos contra eles: “Quando retomar sua vida civil, será certamente sem espírito de vingança com relação aos que, no exercício de suas funções oficiais, tiveram de se opor a ele”. Trata-se nitidamente de um texto produzido para alcançar essa finalidade – a “liberação antecipada” de Hitler – e denuncia a simpatia que Leybold tem pelo seu prisioneiro. O empenho não ficaria em vão, pois Hitler terminaria por ser solto em 20 de dezembro de 1924, após uma pequena batalha judicial. A essa altura, já tinha concluído o manuscrito de 370 páginas do primeiro volume de *Mein Kampf*.

a palavra, falada ou gritada que era tão típica dos mais exaltados oradores políticos .

Sobre as circunstâncias materiais efetivas para a elaboração da obra, já em dezembro de 1923, quando ainda era um réu aguardando o julgamento, o líder nazista tinha à sua disposição uma máquina de escrever Remington, doada por um banqueiro apoiante do movimento , ao lado de um sempre renovado suprimento de papel e de outros materiais que lhe eram assegurados por admiradores. Desde este momento inicial, Hitler começa a redigir esboços para a sua defesa no tribunal que logo enfrentaria. Estes esboços – que já procuram relatar, de seu ponto de vista, a trajetória que o havia conduzido à liderança do movimento nazista – constituem simultaneamente o embrião da parte mais memorialística de *Mein Kampf*, a tentativa de dar curso a um projeto anterior de escrever suas memórias (um desejo que já tivera em 1922), e a preparação para a autodefesa que pretendia realizar em seu julgamento. O *Mein Kampf*, de certo modo, já se encontra aqui em gestação.

## *As Intertextualidades*

Se, desde esses primeiros momentos de vida prisional, Hitler já encontra condições materiais bastante propícias para se lançar à escrita de sua defesa judicial, posteriormente, no período de elaboração do *Mein Kampf*, em 1924, também lhe será assegurado o importante suprimento de obras para intertextualidades diversas: desde as fontes a serem criticadas e

19 Com relação a este aspecto, será necessária – ao término da elaboração do manuscrito de 370 páginas concluído em 1924 – uma obstinada equipe empenhada em corrigir as deficiências estilísticas de Hitler, eliminar suas repetições e desfazer suas imprecisões. A tendência do líder nazista era a de escrever como falava, e o texto, habitualmente, carecia mesmo de pontuação adequada. Já em 1925, diante da perspectiva efetiva de publicação da obra, Rudolf Hess, Max Amman e Müller (editores), Ernst Hanfstaengl, Stolzinger-Cerny, entre outros, unem-se na tarefa de melhorar o texto de Hitler. *Mein Kampf*, embora conservando irretocáveis as ideias de seu autor principal, termina por ser em parte uma obra coletiva, ao menos no que concerne aos seus aspectos formais e estilísticos.

20 Trata-se de Emil Georg Von Stauss (1877-1942), diretor do Deutsche Bank. A máquina de escrever Remington era a novidade da época.

deploradas, como as obras de Marx, até aquelas que lhe servirão de suporte para suas ideias, como os *Fundamentos de Higiene Racial*, de Eugen Fischer (1874-1967). Esta última intertextualidade é particularmente evidente nos trechos de *Mein Kampf* que discorrem sobre a superioridade ariana e tentam trazer alguma fundamentação teórica a estas ideias racistas e eugenistas. Já o modelo intertextual para as partes memorialísticas é trazido pela leitura das *Memórias* (1890), de Bismarck (1815-1898).

Há também as intertextualidades que ao mesmo tempo são influências e campos concorrentes. Em 1923, o controverso historiador alemão Arthur Moeller van den Bruck (1876-1925) publica o seu polêmico livro *O Terceiro Reich* (1923). Bem antes disso, em 1918, já havia publicado outro livro que teria grande influência nos movimentos ultradireitistas da Alemanha. Com *O Direito das Jovens Nações* (1918) – obra que surge como resposta simultânea à eclosão do socialismo soviético, em 1917, e à projeção econômica dos Estados Unidos da América sobre os destroços europeus da Primeira Guerra – Van Den Bruck já vislumbrava uma divisão do mundo em uma civilização comunista, representada pela Rússia, e uma civilização capitalista, da qual os EUA começavam a se afirmar naqueles tempos recentes como o seu mais poderoso representante. Para a Alemanha, ele reserva um destino: um lugar entre estes dois modelos “extremos”: uma terceira via que prenuncia o regime totalitário de ultradireita que não tardaria a se instalar na Alemanha.

Van Den Bruck já era ultranacionalista e ferrenho crítico da República de Weimar antes mesmo que Hitler saísse de sua quase indigência social para iniciar a sua trajetória política. Em 1922, encontra-se com o líder do movimento nazista, ainda um desconhecido fora de seu local primordial de atuação política, terminando por rejeitá-lo ao qualificá-lo sob o rótulo de “primitivista proletário”. Todavia, como Van Den Bruck irá falecer já em 1925, não chega a conformar um campo de concorrência que afete significativamente os objetivos mais imediatos que configuram a trajetória do Partido Nazista. Desta forma, esta termina por ser uma intertextualidade bem vinda.

No campo do racismo científico, Hitler foi um leitor do filósofo francês Gobineau (1816-1882), e do britânico Houston Stewart Chamberlain

21 O conceito de “ariano”, associado a uma “raça superior”, vem de Gobineau.

(1855-1927), ambos tendo oferecido elementos para uma teoria que aventava a existência de uma pretensa raça superior de origem ariana. Por outro lado, Hitler teria se impressionado, ainda, com *O Declínio do Ocidente* (1918), de autoria do historiador alemão Oswald Spengler (1880-1936) – obra que, em certo momento, também atraiu a atenção de Goebbels (1897-1945) – e conta-se mesmo que Hitler teria chegado a convidar Spengler a se tornar colaborador do movimento, embora o escritor alemão tenha recusado a oferta. O conceito spengleriano de “prussianismo”, e a ideia de que a guerra era essencial à vida acenavam para a possibilidade de apropriação dos escritos de Spengler pelos nazistas. Ao lado disso, a ideia de que as civilizações nascem e se desenvolvem ao modo de organismos vivos pareceu a Hitler compatível com a perspectiva de liderar a formação e desenvolvimento de uma nova Alemanha, que mudaria a face do mundo. Por outro lado, o pessimismo de Spengler com relação ao futuro da Europa, como um todo, e da Alemanha, em particular, levaram sua obra máxima a ser rejeitada, posteriormente, pelos nazistas que se instalam no poder a partir de 1933, principalmente porque a abordagem historiográfica de Spengler não parecia dar um apoio mais efetivo a uma perspectiva racista da história, embora introduzisse uma tábua de leituras a partir do confronto de civilizações.

Conforme se vê, não faltam referências intertextuais a Hitler, explícitas ou implícitas, de posição ou de oposição. Por outro lado, se Hitler contrapõe-se e dialoga mais diretamente com obras e textos específicos durante a feitura de *Mein Kampf*, suas ideias já vinham se formando anteriormente através de um vasto caldo intertextual, explícito e implícito, que incluía a audição de oradores ultranacionalistas que já atuavam em comícios políticos desde 1914, a leitura de jornais nacionalistas e direitistas como o *Völkische Freiheit*, assim como o seu próprio contacto prévio com a extrema-direita alemã. Conforme pode ser indicado como regra geral para a compreensão de qualquer tipo de texto, a ‘intertextualidade’ também ajuda a compreender o ‘lugar de produção’ de *Mein Kampf*.

22 “Não é, assim, durante a sua detenção que Hitler forja a sua doutrina: ao chegar a Landsberg, suas principais convicções estão firmadas e – cabe frisar – não evoluíram até a sua morte. Na prisão, contudo, suas convicções, suas pulsões, suas frustrações, assim como sua curta experiência política, como que fervem num caldeirão, acabando por constituir, página por página, um livro” (VITKINE, 216, p.14).

## O *Mein Kampf* em movimento

Podemos agora reunir sinteticamente os aspectos que devem pautar a compreensão do lugar de produção desta fonte histórica. Há ‘demandas sociais’ que favorecem a cristalização de ideias nazistas – das mais recentes crises econômicas e políticas da República de Weimar a processos de longo termo que remontam ao século XIX, ou mesmo antes, como era o caso da rivalidade entre a França e povos germânicos. Existe um rico caldo de ‘intertextualidades’ – de posição e oposição – envolvendo não apenas as leituras mais diretas de Hitler, mas também toda uma literatura que circula no ambiente que favorece a emergência de um pensamento de ultradireita já desde a Alemanha de princípios do século XX. As ‘circunstâncias’ que são disponibilizadas para a feitura do texto, e para a sua edição posterior, são bem propícias, embora não deixem de produzir críticas de opositores. Por fim, há nesse caso um ‘autor’, com uma ‘inserção institucional’ junto ao Partido Nazista, uma ‘posição social’ que o arrastou do desemprego quase indigente à liderança de uma significativa força política, e um ‘acorde de identidades’ bem complexo, que até hoje os biógrafos se esmeram em esmiuçar. Enquanto isso, o ‘lugar-tempo’ é o de uma Alemanha tensionada pela crise do entreguerras, e que está prestes a mergulhar na aventura totalitária que também recobrirá outras nações do continente europeu, como a Espanha, Portugal e, antes de todas, a Itália – futura aliada do governo nazista durante a Segunda Grande Guerra.

Neste lugar-tempo, o autor e político Adolf Hitler não apenas precisa se situar no confronto que o contrapõe aos adversários e opositores da direita ultraconservadora alemã, mas também no próprio interior desta última, pois não temos aqui nem um espaço homogêneo e nem um ambiente político apaziguado. Muitos pequenos *Führers* disputam este espaço de poder, à testa de outros grupelhos de extrema-direita similares, ou mesmo no interior do próprio movimento nazista. A história da ascensão do Partido Nazista no ambiente político alemão – dos seus fracassos resignificados em triunfos até a sua instalação no poder totalitário – é atravessada por uma acirrada

23 O jornal socialista *Münchener Post*, por exemplo, investiu no segundo semestre de 1924 em artigos que denunciavam a “vida fácil” que era proporcionada pelo diretor Leybold aos prisioneiros nazistas, e em especial a Hitler.

disputa interna. Hitler queria conquistar o mundo; mas, antes de mobilizar esta ambição, precisou conquistar a liderança da extrema-direita alemã, e antes disso a liderança incontestável no interior de seu próprio partido. Para isso, lançou mão de atos violentos e assassinatos contra os seus próprios correligionários, mas também da palavra falada e escrita.

No interior deste conjunto de estratégias, a publicação de *Mein Kampf* foi concebida como um instrumento político importante, o que também ajuda a explicar a configuração final de seu ‘lugar de produção’. A obra contribuiu para delinear a completude da figura hitleriana: caberá ao Führer não apenas oferecer ações concretas no campo político, mas também acenar com uma doutrina mais bem definida. O campo marxista – adversário político do nazismo, no mesmo sentido em que o judaísmo é por ele apresentado como o seu adversário étnico – possui todo um sistema teórico e um conjunto de inegáveis realizações filosóficas e historiográficas para as quais contribuíram desde as obras fundamentais de Marx e Engels, até autores das gerações seguintes. Como contrapor, a este grande aparato teórico e textual, uma contrapartida doutrinária que também possa ser evocada pelo Nazismo? Sim, havia Alfred Rosenberg (1893-1946), o principal ideólogo do nazismo. Mas agora este ameaçava se colocar em um movimento divergente no interior do próprio partido. Por isso, Hitler também precisou se transformar em um autor. *Ato continuum*, precisava ser publicado. Caso contrário, sua imagem final não estaria completa.

A edição efetiva do livro será um problema adicional. Após o desinteresse inicial de grandes editoras alemãs, em decorrência da crise que solapava o país, um editor chamado Max Amman (1801-1957) – que ficara à testa da editora nazista Eher-Verlag – em breve se encarregará de viabilizar a publicação do texto. Fora ele – um dos visitantes mais frequentes da prisão de Landsberg – quem na verdade sugerira a Hitler, muitos meses antes, que

24 A principal obra teórica de Alfred Rosenberg foi o livro *O Mito do Século XX* (1930) – um livro que se apresenta como continuidade intertextual de *Os Fundamentos do Século XIX* (1899), de Houston Stewart Chamberlain (1855-1927). A obra é posterior ao *Mein Kampf*, mas é oportuno lembrar que Rosenberg já escrevera quatro livros antes de Hitler se lançar à sua aventura autoral. Por outro lado, Hitler revela uma ponta de despeito em relação a esta obra de Rosenberg, publicada antes de sua ascensão ao governo ditatorial da Alemanha. A ela se refere como “um livro escrito de maneira incompreensível [...] lido e conhecido apenas pelos nossos inimigos”. Por outro lado, os *Diários de Alfred Rosenberg (1934-1945)* – publicados postumamente depois de terem servido como provas para o processo que levou Rosenberg à condenação ao enforcamento pelo tribunal de Nuremberg – revelam a sempre renovada admiração deste ideólogo por Hitler, como chefe político.

ele iniciasse a composição de sua autobiografia, confiando no argumento de que ela certamente venderia bem, dada a notoriedade recém-conquistada pelo seu autor. O mercado editorial, contudo, enfrentava uma incontornável crise no contexto da hiperinflação alemã. Antes do *Putsch* da Cervejaria, o *Mein Kampf* teria atendido muito bem ao circuito editorial que se dedicava à “literatura *Volkisch*” – uma linha editorial dedicada a livros políticos que podiam ser vendidos em grandes comícios: “encontros de massa” que reuniam uma pequena multidão de pessoas que, motivada pelo calor dos discursos, acabava proporcionando um número significativo de compradores de ocasião para este gênero de livros. Desde o golpe da cervejaria e sua repercussão, entretanto, estes tipos de reuniões haviam sido proibidas.

O retorno de Hitler ao cenário político, após a libertação em 20 de dezembro de 1924, possibilitou uma revisão desta situação. Depois de se reverterem as travas que ainda conservavam o Partido Nazista na ilegalidade em decorrência das represálias judiciais ao *Putsch* da Cervejaria, a projeção política de Hitler se reafirma mais uma vez. Em uma de suas ações, ele promove em 25 e 26 de fevereiro de 1925 dois encontros com militantes na *Bürgerbräukeller*, a mesma cervejaria de onde partira o *Putsch* que o havia conduzido à prisão de Landsberg. Ali, ele se anuncia formalmente como escritor. Conseguindo concretizar um espetáculo político bem sucedido, Hitler asseguraria ao *Mein Kampf* condições propícias para sua edição, cujo processo se concluirá em 18 de julho de 1925, quando o primeiro volume do livro chega às prateleiras das livrarias alemãs. Ao mesmo tempo, reiniciava-se ali a gradual marcha de Hitler para a conquista do poder. Uma reflexão mais demorada sobre esta tenebrosa epopeia, contudo, fugiria aos objetivos de nossa análise.

25 Em fevereiro de 1925 o NSDAP é reautorizado legalmente pelo governo bávaro.

26 O título *Mein Kampf* foi atribuído ao livro por Max Amman. Hitler pretendia chamá-lo “Quatro Anos e Meio de Combate contra as mentiras, a tolice e a covardia” – título extenso e pouco atrativo que, se levado adiante, provavelmente teria prejudicado seu alcance editorial. Com “Minha Luta” (ou “Meu Combate”), o editor Max Amman chegou ao título ideal que sintetizava o seu propósito, e também o de Hitler. Com relação ao segundo volume da obra, este chegará às prateleiras em dezembro de 1926.

## Recepções da obra

Nesta penúltima sessão, vamos refletir sobre as recepções da obra. O que assegura ao *Mein Kampf* a sua recepção? Para responder a esta pergunta inicial, temos que considerar que este livro, devido a uma mudança na função social de seu autor em dois momentos distintos, pode ser visto como dois livros diferenciados dependendo do lugar-tempo que estejamos considerando. Há o *Mein Kampf* escrito por um líder de extrema-direita em sua obstinada trajetória rumo à conquista do poder; há o *Mein Kampf* que foi escrito pelo ditador totalitário da Alemanha nazista. Materialmente, e no que concerne ao seu conteúdo e ao nome que o subscrive, são ambos exatamente o mesmo livro. Mas a redefinição da posição de seu autor muda tudo, de um para o outro momento. Rigorosamente falando, pode-se dizer que há até mesmo três momentos algo diferenciados no interior de duas fases maiores. Vai ser lido de certa maneira o panfleto memorialista da fase inicial, escrito pelo obstinado líder de ultradireita – entre 1925 e 1929 percebido externamente apenas como chefe de um grupelho ainda pouco expressivo, mas a partir de 1930 reconhecido como um político realmente promissor. Já o “segundo” tratado nazista, que assume os trajes de uma “Bíblia Názi”, e que a partir de 1933 traz à capa a foto de seu autor-ditador já como governante absoluto da Alemanha, vai ser lido (ou não lido) de outro modo. Mudando a inserção social e política de seu autor, o livro se transforma como que por encanto, e novos tipos de leitores a ele recorrem. Sua própria mensagem, apesar de não se ter mudado uma única letra das edições de Weimar às edições do Terceiro Reich, parece agora ser outra. A tríade produtora desta fonte – que coloca em interação autor, leitores e mensagem – como que se revirou. O projeto de poder exposto no *Mein Kampf* de 1925 é agora uma brutal realização no *Mein Kampf* das edições que se seguem a 1933. E até 1945, quando ocorrerá a derrocada definitiva do nazismo, este será o livro que todos os cidadãos alemães devem ter em suas estantes.

“Ler” um livro e “ter” um livro, aliás, são coisas algo distintas, embora perfeitamente articuláveis. Independente de alguém poder ser

27 No interior da 1ª fase – a do Nazismo que luta pelo poder – esta nuance é demarcada pelo Crash estadunidense de 1929. Com a crise, que também atinge a Europa, o capital eleitoral do Partido Nazista salta em 1930 para seis milhões e quatrocentos mil votos, transformando-o na segunda força política da Alemanha.

considerado um leitor efetivo de *Mein Kampf* ou apenas um mero comprador deste livro, é ainda oportuno refletir sobre o que significava para um cidadão alemão, em cada um destes momentos, ter um exemplar da obra entre seus pertences pessoais. Em 1925, à época do lançamento de sua primeira edição, o *Mein Kampf* custava doze marcos – um valor não tão imediatamente fácil de ser desembolsado em uma Alemanha que mal começava a sair da crise econômica. Ter um exemplar do livro simbolizava claramente uma adesão ao Partido Nazista – um movimento que ainda lutava pelo seu espaço vital no seio da própria ultradireita alemã, e que mal iniciara suas tentativas de crescer na direção de se tornar uma força eleitoral significativa. Já no Terceiro Reich, ter um exemplar de *Mein Kampf* podia significar simplesmente que não se queria ter qualquer problema com o governo totalitário, o que de certo modo era bem sensato como garantia de autopreservação. À parte isso, havia inúmeros proprietários de exemplares de *Mein Kampf* que se identificavam totalmente com o seu conteúdo. Vamos nos voltar, entretantes, às diferentes espécies de leitores e compradores do livro em um e outro destes dois momentos.

Variados tipos de leitores parecem se acotovelar no ‘lugar de recepção’ desta obra – em um e em outro destes ‘lugares-tempo’ tão distintos entre si –, e, para cada um destes tipos de leitores ou consumidores, pode ser identificado um maior ou menor interesse real pelo conteúdo textual do livro. Vimos atrás que o próprio Hitler, à entrada do prefácio do livro que iria lançar após a libertação da prisão de Landsberg, define o seu leitor ideal. Os leitores almejados não são aqueles que o desconhecem e que não estão familiarizados com as ideias ultradireitistas, nem são os cidadãos comuns, e nem mesmo o público eleitoral que se pretende captar para pleitos futuros do Partido Nazista em sua audaciosa caminhada rumo à conquista do poder. Os leitores reivindicados pelo autor da obra são os militantes iniciados, já familiarizados com o movimento, ou os leitores de extrema-direita que já conhecem o seu autor. No entanto, uma vez lançado, o livro se movimentará para a captação de um segundo complexo de leitores: insatisfeitos de modo geral, potenciais eleitores do nazifascismo, ou mesmo curiosos. Neste segundo âmbito leitor,

28 Em contrapartida, na fase do III<sup>o</sup> Reich, a certa altura chega a existir certa variedade de diferentes modelos de edições do *Mein Kampf*. Em 1944, ao fim do Reich, mas antes de sua derrocada, o exemplar de capa dura caiu para metade do valor que o livro custava à época de seu primeiro lançamento, tendo seu preço agora fixado em cerca de 6 marcos. Mas há edições mais baratas, de bolso, e também uma edição de luxo, com capa de couro, que custa 24 marcos.

o *Mein Kampf* transfigura-se em um manifesto político que apresenta o nazismo ao país e ao mundo.

Na Alemanha do Terceiro Reich, os leitores previstos já serão todos os cidadãos alemães que não foram excluídos de seus direitos de cidadania – neste caso, bem separados daqueles que foram transformados em meros “súditos” de uma Alemanha que dividiu a sua população em três categorias hierarquizadas que já estavam previstas em *Mein Kampf*: os *cidadãos*, os *súditos*, e os *estrangeiros*. Há ainda uma quarta categoria oculta: antigos cidadãos que já não são sequer súditos, mas “estrangeiros em sua própria terra”: alemães de nascença privados de todos os direitos e passíveis de serem oprimidos – ou, no limite, ameaçados de serem demarcados com triângulos de alerta colados à roupa, o que os colocava sob o risco de serem transferidos para campos de concentração. Judeus – o primeiro inimigo público declarado no texto hitleriano – mas também os ciganos, negros e eslavos, mesmo que nascidos em território alemão; os partidários de posições socialistas ou os membros e filiados a instituições que se recusam a oferecer obediência total ao *Führer*, como o grupo religioso das Testemunhas de Jeová – eis aqui todo um diversificado universo de diferentes tipos de excluídos que está abaixo dos estrangeiros comuns, nascidos em outros países. Entre estes, os judeus chegam a merecer no *Mein Kampf* até mesmo uma categoria em separado: constituem uma forma à parte de seres pensantes, destacados da humanidade e prejudiciais a ela, situados de maneira maligna entre os seres humanos e os animais. Há ainda outras formas de discriminação, como aquelas voltadas contra os homossexuais, e também perspectivas impiedosas relacionadas aos portadores de certos tipos de deficiências, a exemplo dos doentes mentais. Como situar toda esta variedade humana diante do *Mein Kampf*?

Voltando à recepção de *Mein Kampf* neste segundo momento, se a obra atinge uma monumental recepção no Terceiro Reich, é antes de tudo porque se tornou um livro oficial. Muitos leem efetivamente os seus vistosos exemplares de *Minha Luta*; mas uma parte significativa é constituída de leitores que apenas *têm* o livro, que o situam em suas prateleiras como um emblema, como um selo que reafirma a sua cidadania ou até mesmo a sua lealdade para com o governo. Ter um exemplar deste livro na prateleira, para alguns, equivale a pendurar na parede um atestado de bons antecedentes.

Os alunos formados recebem o seu exemplar. Não precisam lê-lo, se quiserem, mas precisam tê-lo. Na outra ponta, há empresas privadas que – ou por interesse próprio ou para cultivarem boas relações com o governo – ofertam exemplares do livro aos funcionários que se aposentam, ou com eles

premiam alguns de seus melhores funcionários. Enquanto isso, os casais de “cidadãos” legítimos (não meros “súditos”) que contraíram matrimônio – e que agora estão prontos a constituir uma nova célula familiar tipicamente desejável pelo regime nazista – costumam receber exemplares como presentes de núpcias. Mesmo que não se pretenda ler o livro – e muitos não o lerão mesmo, já que a obra se dirige em muitas de suas partes a um tipo de leitor específico – convém ter o livro em casa, em lugar de destaque, talvez ao lado da Bíblia tradicional. Muitos terão o seu exemplar como objeto simbólico, como um chaveirinho com a suástica – não para cumprir uma função de leitura, mas para preencher uma função identitária, social, demarcadora. Deste modo, o *Mein Kampf* do Terceiro Reich tem os seus leitores e não-leitores, todos bem acolhidos e convidados a adquirir seus exemplares, a apresentar seus entes queridos com uma bela edição com a foto do *Führer* na capa. No formato de bolso, que une os dois volumes em um único tomo com papel fino e capa escura, o livro assemelha-se a uma Bíblia e pode ocupar um lugar confortável ao lado da outra, e não será despropositado o apelido que já havia adquirido há alguns anos: a “Bíblia Názi”.

Há também, pelo mundo afora e em vários momentos no tempo, outro tipo de leitor que adquire o livro em suas traduções para outros idiomas. Além dos curiosos e daqueles que desejam estudar o fenômeno de um ponto de vista historiográfico e científico – com vistas a entender como foi possível a emergência histórica de um regime desumano e intolerante como o nazista – existem os leitores de ultradireita que pretendem fundar caminhos similares ao nazismo em seus países. Um pequeno segmento de ativistas de ultradireita dos Estados Unidos da América adotam a suástica, e mesmo na França – país inimigo mais deplorado pelo *Mein Kampf* – surgirão segmentos nazistas, inexpressivos mas ruidosos. No futuro, a obra atrairá neonazistas de todos os

29 Em 1936, um comunicado do Ministério do Interior chega a sugerir que seria desejável que todos os novos casais fossem presenteados com um exemplar do livro no dia do matrimônio. Diversas prefeituras adotam a sugestão e adquirem exemplares de *Mein Kampf* para distribuí-los a recém-casados, como nos mostra Antoine Vitkine em *Mein Kampf: a História do Livro* (2016, p.52). Empresas privadas solicitam em relação ao governo também se dispõem a presentear seus empregados com exemplares, e trabalhadores que se aposentam também os recebem (VITKINE, 2016, p.53).

30 Este apelido, dado ao livro pelos opositores e críticos de Hitler quando o Partido Nazista ainda estava em sua fase de luta pelo poder, havia sido pejorativo. Os próprios militantes nazistas, no entanto, o acolheram bem. Um dos primeiros a se reapropriar positivamente da expressão comparativa teria sido Hermann Göring (1893-1946), que em 1935, em um discurso proferido pelo rádio, afirma: “*Mein Kampf* é a nossa Bíblia”. Entre alguns dos militantes nazistas, nota-se mesmo um discreto esforço de sugerir que *Mein Kampf* é algo como um novo Evangelho.

tipos e em diversos países. Conforme se vê, o *Mein Kampf* oferece, aos seus vários tipos de leitores, respostas locais e temporalmente localizadas que atendem a questões que pulsam em sua própria época – buscando preencher uma inquietação sobre porque a Alemanha teria perdido a guerra, e sobre como poderia sair do atoleiro de crises em que parecia encontrar – e também respostas que se estendem no tempo, passíveis de serem reapropriadas por outros movimentos de ultradireita que já nada mais têm a ver com a Alemanha de Hitler .

Sobre a recepção do livro pelos críticos e pela Imprensa não direitista da época, algumas palavras merecem ser ditas. Na primeira fase da trajetória de sucessivas edições de *Mein Kampf*, a obra foi recebida com um imprudente desdém, ou mesmo com um jocoso sarcasmo, por segmentos diversos da intelectualidade e dos meios políticos e midiáticos da Alemanha. Fora dos próprios círculos direitistas e da corrente *Volkisch* – que incluíam não só o Partido Nazista como também outros grupelhos análogos – pouca atenção se deu o livro. Os jornais liberais e de esquerda tenderam a tratá-lo como um amontoado de ideias esdrúxulas e estapafúrdias. Embora um preocupante programa de domínio político e de extermínio de grupos sociais estivesse muito bem exposto naquelas páginas, o discurso de ódio desfiado passo a passo nos capítulos de *Mein Kampf* foi literalmente subestimado. A Igreja cristã – católica ou protestante – também pouco se pronunciou; e as comunidades judaicas, principais vítimas em potencial, não viram no discurso hitlerista mais do que o antissemitismo ao qual já estavam tão acostumadas.

Pouco lido fora do circuito da ultradireita, deixou-se de perceber nos

31 Sobre a projeção internacional do livro *Mein Kampf* em sua própria época, é oportuno observar que, já na fase do Terceiro Reich, existe uma curiosa contradição entre a política editorial de ampla difusão interna do livro para toda a população alemã, e uma política inversa de restrições externas à publicação do livro fora do território alemão. Hitler parecia se dar conta de que seus planos – inclusive os projetos de expansão externa e a política de belicosidade – estavam perfeitamente bem expostos em seu livro. Deste modo, convinha chamar pouca atenção, no exterior, para o conteúdo do livro. Em 1938, por exemplo, quando ainda convinha ocultar os futuros planos de invasão da França, Hitler estava preocupado com a tradução do livro para o francês, já que fizera os piores comentários possíveis sobre os franceses em *Mein Kampf*. Por isso, para o público francês, a editora nazista promove uma edição arranjada do *Mein Kampf*. Com apenas 140 páginas, a obra seleciona as partes mais adequadas do livro e as mistura, eventualmente, com discursos mais recentes de Hitler que não eram desfavoráveis à França. Esta versão autorizada, de 1938, pretende ser contraposta à tentativa de tradução francesa de 1934, com suas 688 páginas que expunham o texto integral à revelia da editora alemã, mas que terminou por ser proibida depois de um processo judicial movido pelos nazistas.

32 Movimento populista alemão.

primeiros momentos – e mesmo durante o período de ascensão do Nazismo e de consolidação de Hitler como seu *Führer* – que o livro *Mein Kampf* continha na verdade um programa, uma carta de intenções anunciada sem maiores subterfúgios; e que, uma vez chegado ao poder, o Partido Nazista poderia transformá-los efetivamente em realidade. Apenas a partir de 1930, quando os nazistas tiveram a sua primeira eleição vitoriosa em decorrência da crise de 1929, conquistando a segunda maior bancada do *Reichtag* alemão, é que o livro começa a inspirar medo e preocupação. Mas, então, já era tarde. Por fim, em 1933, quando Hitler termina por assumir o cargo de chanceler apesar de ter sido derrotado no pleito direto para presidente, estava escancarada a evidência de que, na verdade, era muito tarde. O reinado de terror do Terceiro Reich se iniciava .

## **Voltando ao início: Hitler e o Nazismo – o assustador acorde da intolerância totalitária**

Quero retornar mais uma vez ao princípio, e aproveitar a reflexão sobre o lugar de produção de *Mein Kampf* para aprofundar uma melhor compreensão sobre quem foi Adolf Hitler, o que certamente contribuirá para clarificar a sua inserção em um movimento que estava longe de ser só seu. A recepção e o conteúdo de uma fonte sempre se desdobram mais uma vez sobre seu ‘lugar de produção’, e é por isso que, ao analisarmos historiograficamente uma fonte de qualquer tipo, podemos começar o trabalho por qualquer uma das três pontas deste triângulo cujos vértices se interconectam em círculo.

33 Em 1932, o Partido Nazista tinha conquistado um importante quantitativo de cadeiras no Parlamento, o que no ano seguinte deu a Hitler a oportunidade de impor seu nome para a chancelaria, mesmo tendo perdido a eleição presidencial para Hindenburg. Passo a passo, todos os demais partidos foram sendo desmantelados através de ações diversas, rumo ao estabelecimento do partido único. Outra medida – antes do recrudescimento final que conduziria ao Estado totalitário – foi a de expurgar do próprio Partido Nazista qualquer posição crítica em relação a Hitler. A “noite das facas longas”, perpetrada em 30 de julho de 1934, envolveu o assassinato de partidários nazistas ligados a Gregor Strasser (um dos rivais de Hitler) e a Ernest Röhm (líder da SA), entre outros. Por fim, com a morte do presidente Hindenburg em 2 de agosto de 1934, Hitler obteve apoio para a fusão da Chancelaria à Presidência, assumindo a posição de ditador absoluto da Alemanha sob a designação de *Führer*. O projeto nazista – que na verdade já estava implícito em *Mein Kampf* – finalmente começava a se realizar.

No caso de Adolf Hitler, como autor de *Mein Kampf*, vimos antes que – não tendo concluído seus estudos, e frustrando-se em seus planos primordiais de se tornar um pintor reconhecido – tornou-se bem característica de seu acorde pessoal uma ‘rejeição da intelectualidade’, a qual logo confluiria também para o que ocorre com fascismo como movimento mais amplo. Não obstante, Hitler considerava-se um autodidata, um predestinado, talvez um gênio que devia cumprir uma missão para a qual estava desde o início destinado. De fato, quando examinamos o acorde de características pessoais de Adolf Hitler do ponto de vista de como ele via a si mesmo, surge de pronto a imagem do “guia sábio” – do “*Führerprinzip*” –, do infalível “salvador da pátria” que acredita ser legítimo exigir, de todos os seus correligionários e mesmo aliados, a obediência incondicional .

O ‘intervalo’ que articula a ideia impositiva de uma ‘obediência incondicional ao líder’ com a nota característica que se apresenta como uma pretensa ‘infabilidade do líder’ será típico do pensamento fascista. Como *Führer*, Hitler pretende se impor a seus comandados e colaboradores como ‘autoridade inquestionável’ em inúmeros aspectos: do comando militar e do exercício da justiça até a capacidade relacionada a decisões artísticas e arquitetônicas. A perspectiva de que é uma autoridade infalível e inquestionável em inúmeras áreas deixa suas marcas no texto hitlerista exposto em *Mein Kampf*. Em sua mescla textual de manifesto político, texto doutrinário, guia para militantes e livro de memórias, Adolf Hitler discorre sobre tudo: educação, arquitetura, arte, música, economia, relações exteriores, história, ciências da comunicação, estratégia militar. Parece não haver campo de alguma importância para o qual ele não acredite que possa, apenas por si mesmo, encontrar as melhores soluções.

Em contrapartida, se a total confiança em si estende-se imperiosamente no decurso das páginas de seu livro, Hitler não deixa de conceder aos especialistas nestas várias áreas de saber um espaço de

34 Em *Mein Kampf*, Hitler se empenha na construção de seu autorretrato, remontando à formação escolar. Não obstante, na narrativa pessoal que construirá sobre si mesmo, o ditador alemão encobrirá o seu desempenho medíocre na idade escolar com algumas estratégias discursivas. O psicólogo Walter Langer, que recebeu do governo estadunidense a missão de elaborar um estudo sobre a personalidade de Hitler em 1942, faz os seguintes comentários: “De acordo com sua narrativa, ele estava em desacordo com seu pai a respeito de sua futura carreira como pintor e, para fazer prevalecer a sua vontade, sabotou os próprios estudos, exceto as matérias que achava que contribuiriam para uma carreira artística e história, que ele diz sempre tê-lo fascinado. Nessas matérias, pelo que ele mesmo diz, sempre se saía muito bem. Uma análise de seus boletins não demonstra bem isso” (LANGER, 2018, p.112).

diálogo, ao menos no que concerne ao interesse de sua formação pessoal e autodidata. Hitler, pelo menos a certa altura de sua vida, tornou-se de fato um leitor ávido de livros diversos, conforme já discutimos na seção sobre as intertextualidades que embasam seu livro e seu próprio universo mental. Em *Mein Kampf*, alguns destes diálogos intertextuais estão de alguma forma registrados, de modos explícitos ou implícitos.

Por outro lado, as análises da biblioteca de Hitler em momentos diferenciados mostram identificações intertextuais singulares. Além das obras teóricas que já mencionamos anteriormente, e às quais não voltaremos, é particularmente interessante a recorrência da literatura fictícia e historiográfica sobre heróis. A solitária figura de *Dom Quixote de La Mancha* (1605) aparece com o célebre livro de Miguel de Cervantes, sempre bem conservado em sua biblioteca. Será que o *Führer* se identificava com ele, de alguma maneira, ao menos em sua solitária e obstinada aventura? No entanto, a dispersão das ações do *Dom Quixote* de Cervantes parece contrastar com a visão que Hitler tinha de suas próprias ações como dotadas de uma precisão que ele considerava inigualável. Um pouco por isso, o ditador nazista espelhou-se amiúde em grandes heróis germânicos, historicamente bem sucedidos. Ocupa um lugar especial em sua biblioteca pessoal a historiografia heroica desenvolvida por Thomas Carlyle (1795-1881), com destaque para a obra deste historiador escocês sobre *Frederico, o Grande* (1858) .

Rei da Prússia entre 1740 e 1786, Frederico II foi uma das principais referências de Hitler, e une-se ao primeiro Frederico – o imperador medieval do Sacro Império Romano-Germânico, também chamado de Frederico

35 Conforme nos mostra a historiadora Débora El-Jaick Andrade (2006, p.229), o herói de Carlyle – examinado a partir de diversos exemplos históricos – reúne diversas facetas, entre as quais “guerreiro, capitão, poeta, profeta, pensador devoto e inventor”. Carlyle teria afirmado: “Confesso que não tenho conhecimento de um verdadeiro grande homem que não pudesse ser todos estes tipos de homens. Imagino que exista no herói o poeta, o pensador, o legislador, o filósofo; em um ou outro grau, ele podia ter sido, ou melhor, ele é tudo isto” (CARLYLE, 1986, p.105). A presença das obras de Carlyle na biblioteca de Hitler sugere a possibilidade de que ele visse a si mesmo como um herói à maneira de Frederico II, o Grande (1712-1786). Queria ser pleno, e ao mesmo tempo coroado por uma missão a cumprir. Ao mesmo tempo, fazia paralelos entre a trajetória de Frederico II e a sua aventura pessoal, mesmo nos últimos tempos do Bunker – onde conservava, em sua sala.

Barba Roxa – no seu panteão pessoal de heróis . Estes e outros heróis, entre os quais Otto Von Bismarck (1815-1898) – o unificador do II<sup>o</sup> Reich cujas *Memórias* Hitler havia lido atentamente durante o período de cumprimento da pena na Fortaleza de Landsberg –, ajudaram-no a formatar sua própria visão sobre si mesmo como um herói que tinha uma missão a cumprir; e que, impulsionado por esta missão, não podia falhar. A figura heroica de Frederico II, o Grande, amparada em intertextualidades diversas, ajuda a compreender a imagem que Hitler queria ciosamente construir de si .

Associada à ideia de autoridade infalível e, por isso, inquestionável, a convicção de que cumpre uma ‘missão’ – ou mesmo um ‘messianismo’ – é, deste modo, uma segunda nota importante no acorde de características através do qual Hitler vê a si mesmo. Em seu caso, há a crença de que esta missão lhe foi confiada e é protegida por uma divina providência, como deu a entender em algumas ocasiões . Por isso, não pode falhar. Em sua derrocada final, quando teve de se defrontar com o fato de que falhara – e enquanto acantonado em seu bunker, aguardava a inevitável chegada dos russos em Berlim e decidia seu suicídio – Hitler não pode pensar outra coisa senão que o seu Povo, o abandonara. O povo alemão havia falhado com o *Führer*, e não o contrário . Ao mesmo tempo, o suicídio apresenta-se como a única solução possível para o *Führer* infalível que falhou. Vemos a iminência deste gesto,

36 Em homenagem a Frederico I (1122-1190). Hitler designou o título de “Operação Barbarossa” como nome-código para a sua invasão da União Soviética, iniciada em 22 de junho de 1941, na qual buscava concretizar o seu projeto nazista de conquista de “espaço vital”. A operação foi bem sucedida em um primeiro momento, e rechaçada depois, demarcando o momento em que as forças hitleristas começam a perder gradualmente a guerra.

37 Já discorremos sobre este monarca prussiano – um rei iluminista e humanista que nada tem a ver com o obsecado e impiedoso Adolf Hitler – no capítulo em que discutimos a sua releitura sobre o livro *O Príncipe*, de Maquiavel. No entanto, Hitler o escolhe como um de seus heróis: inspira-se em suas conquistas, mas não lhe segue os passos filosóficos.

38 A construção desta imagem, pelo próprio Hitler, também pode ser historicizada. Houve um primeiro momento em que ele viu a si mesmo como uma espécie de João Batista que apenas preparava o caminho para o seu Messias – ou como um “tocador de tambor”, conforme expressão por ele mesmo utilizada, que anuncia a chegada do herói definitivo. No entanto, seus sucessos na conquista do poder logo o fizeram enxergar a si mesmo como o próprio messias – o herói definitivo que introduziria o Reich de mil anos.

39 É ainda Langer quem sustenta a tese de que o sentimento de que cumpria uma missão e um destino, e de que tinha apoio de uma Providência Divina, já acompanhava Hitler antes mesmo do início de sua trajetória política mais efetiva (LANGER, 2018, p.26).

40 Esta inversão é abordada por Joachim Fest em *No Bunker de Hitler: os últimos dias do Terceiro Reich* (2005). É ainda representada, com intensidade dramática, no filme *A Queda* (2004) – película alemã roteirizada por Bernd Eichinger e dirigida por Oliver Hirschbiegel, a qual retrata as últimas horas de Hitler e de vários de seus correligionários.

desta solução final que desesperadamente põe fim à vida individual, em outros momentos na vida de Hitler: após o fracasso do golpe da cervejaria ele quase o comete, com um revólver; ao entrar no cárcere, para aguardar o julgamento, ele retorna sob a forma de uma greve de fome. Entre estas e outras espreitas, o ‘suicídio’ ronda a história de vida do homem que ajudou a conduzir milhões de pessoas à morte. Não será esta mais uma nota no acorde de Hitler, ou ao menos mais um dos traços do seu conjunto de características pessoais?

Mencionei até aqui traços que são mais fatores de ordem individual, os quais ajudam a delinear um retrato de Hitler, do que mais propriamente as notas que seriam típicas de um ‘acorde de identidades’. Estas outras notas, rigorosamente falando, são aquelas que introduzem Adolf Hitler no interior de certos grupos específicos, ou de categorias com as quais outros indivíduos também se identificam ou são identificados em um plano social mais amplo. É preciso separar bem uma coisa e outra – o ‘acorde de características pessoais’ do ‘acorde de identidades’ – embora ambos se mostrem úteis à compreensão de um autor. Os ‘acordes de identidades’ permitem situar um personagem histórico ou autor em uma rede de grupos e ideias que parecem dar um sentido social à sua existência. Devemos pensá-los neste patamar de possibilidades.

41 Sebastian Haffner (1907-1999), jornalista alemão que viveu seis anos na Alemanha nazista antes de migrar para Londres em 1938, assim retrata este traço de Hitler: “uma sempre presente disposição para o suicídio ronda a trajetória política de Hitler. Ao final, isso se dá realmente, como era previsível: um suicídio” (HAFFNER, 1979, p.11). Também Walter Langer, outro autor que escreveu sobre Hitler em sua própria época, assim se refere à proximidade de Hitler em relação ao suicídio, listando as diversas ocasiões em que ele se aproximou deste desenlace: “Em situações extremamente difíceis, Hitler ameaçava se suicidar. As vezes, parece que usa isso como forma de chantagem, mas, em outras, a situação parece ser pior do que ele pode suportar. No *Putsch* da Cervejaria, ele disse aos policiais que estava mantendo como prisioneiros: ‘Ainda há cinco balas em minha pistola; quatro para os traidores e uma, se as coisas derem errado, para mim’. Ele também ameaçou se suicidar diante da senhora Hainfstaengl, logo depois do fracasso do *Putsch*, enquanto estava se escondendo da polícia na casa dos Hainfstaengl. De novo na prisão de Landsberg, fez uma greve de fome e ameaçou se tornar um mártir, imitando o prefeito de Cork. Em 1930, ameaçou se suicidar após o estranho assassinato de sua sobrinha Geli. Em 1932, novamente ameaçou se suicidar se Strasser rachasse o Partido. Em 1933, fez uma nova ameaça de suicídio se não fosse designado chanceler. Em 1936, prometeu se matar se a ocupação da Renânia fracassasse” (LANGER, 2018, p.76). / Por outro lado, o ditador alemão tinha sonhos de vencer a morte física e controlar a memória das gerações vindouras, para o que planejava um mausoléu que obrigaria as pessoas que o visitassem a olharem para cima. Em 1940, conforme ressalta um autor da época, Hitler teria dito: “Sei como manter o controle das pessoas depois da morte. Serei o Führer para quem elas erguem os olhos e voltam para casa para conversar sobre e lembrar. Minha vida não acabará na mera forma da morte. Ao contrário, ela começará” (HUSS, p.210).

A base de um ‘acorde de identidades’ aplicável ao estudo da figura política de Hitler – considerando-se agora o universo de notas que introduz este personagem em grupos e características de alcance social – é neste caso a própria base que coincide com o paradigma político trazido pelo Nazismo. ‘Fanatismo’, ‘antisemitismo’, ‘racismos’ baseados na crença na superioridade de uma pretensa “raça ariana”, ‘antimarxismo’, ‘belicismo’, ‘intensa agressividade’ face àqueles que são considerados opositores ou inimigos internos, ‘nacionalismo extremado’, ‘imperialismo’ centrado na ideia de um direito à conquista de “espaço vital” às custas de sociedades inteiras que devem ser submetidas ou mesmo exterminadas – pode-se dizer que esta é a grande base acórdica do Nazismo, uma das mais sinistras já produzidas na história política mundial. Estas ideias, que não foram só de Hitler, mas de muitos outros nazistas em sua própria época e também em outros tempos, podem ser encontradas sistematicamente no livro *Mein Kampf*, revelando ao mesmo tempo um conteúdo que logo seria reapropriado por diferentes tipos de leitores e, concomitantemente, as marcas de um ‘lugar de produção’.

Um fator importante que se agrega ao fenômeno nazista é o uso bem calculado e sistemático da propaganda. Aplicada à construção da imagem mais apropriada do *Führer*, a propaganda tem ao seu dispor os mais modernos e os mais tradicionais meios de comunicação: o rádio, o cinema, a imprensa escrita, mas também cartazes que cuidadosamente oferecem ao público a melhor imagem física de Hitler. O uso nazista da propaganda vai da escolha do símbolo maior da suástica, atribuível ao próprio *Führer*,

42 Os outros modelos fascistas – como o italiano – também compartilham da maior parte destas notas. Entretentes, o ‘antisemitismo’ e o ‘racismo arianista’ projetam-se como notas mais específicas no nazismo alemão. De outra parte, as circunstâncias históricas e geográficas dotam de acordes próprios, embora com muitas notas em comum, os diversos fascismos da época nos outros países da Europa. O Portugal do salazarismo, por exemplo, já possui colônias africanas, e, além disso, está limitado a oeste pelo Atlântico, e a leste por outro Estado fascista, a Espanha franquista; assim, acha-se bem acomodado nos seus limites e o expansionismo belicista acha-se impedido de se apresentar como nota característica. A ‘perspectiva eugênica’, uma nota bem sonante no acorde de aspectos constituintes do nazismo alemão, também aparece em outros contextos da época, embora não necessariamente fascistas. No Brasil do mesmo período, por exemplo, Renato Kehl (1889-1974), em suas *Lições de Eugenia* (1929), já sugeria que a sociedade brasileira só embranqueceria “à custa de muito sabão de coco ariano” (KEHL, 1935, p.241). Era um médico e empresário liberal que organizou o Movimento Eugênico Brasileiro, mas sem nenhuma ligação com qualquer forma política de fascismo. Enquanto isso, singularmente, o Integralismo – a versão brasileira do fascismo – opunha-se ao racismo de “inspiração nazista” e considerava veementemente a “fusibilidade das raças” como um fator positivo, declarando-se um movimento “orgulhosamente mestiço”.

aos rituais e monumentos. O capítulo 6 de *Mein Kampf* aborda o uso da propaganda, explicitando um aspecto sem o qual o Nazismo talvez não tivesse se tornado um movimento de massas de tal porte. A propaganda, no conjunto de reflexões de Hitler, não se confunde apenas com os seus meios e instrumentos – com as realizações encaminhadas através das diversas mídias de que lança mão, por exemplo – sendo apresentada, para além disto, como uma ciência que deve se esmerar em apreender o universo emocional das massas para, depois, inventar ou encontrar os artificios para dominar seu coração.

Deve-se destacar que somente a combinação de todas as notas atrás citadas é que dão o tom efetivo ao acorde nazista, se quisermos continuar investindo nesta metáfora musical. Por exemplo, o ‘acorde nazista’ – já de saída associado a sua dimensão como ‘movimento de massas’ – é formado por uma série de notas interligadas: nacionalismo, imperialismo, belicismo, fanatismo, antimarxismo, antissemitismo, racismo, arianismo, eugenismo, imposição da obediência incondicional ao líder, e, como veremos nos parágrafos finais, a ‘intolerância totalitária’ levada ao extremo. Contudo, somente duas ou três destas notas não configuram o nazismo. Para compreendermos este fenômeno histórico, social e político, precisamos ter em vista todas estas notas atuando juntas, interferindo-se umas nas outras de certa maneira – produzindo, para além de suas próprias singularidades e sonoridades particulares, ‘intervalos’ (relações entre as notas) que são tão importantes quanto as notas em si mesmas. As intensidades e posicionamentos de cada nota no acorde – sua força e projeção relativa, seu destaque, ou a sua posição específica no interior do acorde – também são

43 Além disso, podemos agregar ao acorde outros aspectos, como o já mencionado uso sistemático da ‘propaganda’, e sua articulação à organização partidária.

44 Podemos registrar um exemplo, entre tantos outros. A articulação da nota ‘propaganda’ à nota ‘fanatismo’, formando-se aqui um ‘intervalo’, pode ser demonstrada com uma passagem de *Mein Kampf*, na qual Hitler ressalta que “o primeiro dever da propaganda é conquistar adeptos para a futura organização”. O primeiro dever da organização, por outro lado, consiste em “conquistar adeptos para a continuação da propaganda” (HITLER, 1983, p.433). Deste modo, uma nota age sobre a outra – existe um ‘intervalo’ entre elas, ou uma relação específica que se estabelece entre a ‘propaganda’ e o ‘fanatismo’ produzindo uma singularidade. Por outro lado, a estrutura totalitária exercia um controle absoluto sobre todas as mídias que produziam propaganda e possibilidades de divulgação de ideias. Aos jornalistas do Reich, por exemplo, exigia-se que fosse “política e racialmente limpo” (SHIRER, 2008, p.331). Por aqui se vê que as notas ‘uso radical de propaganda’, ‘totalitarismo’, ‘racismo’ e ‘anticomunismo’ também se articulavam reciprocamente em uma múltipla relação intervalar. Conforme demonstra o exemplo, a análise de um acorde, de acordo com o potencial desta metáfora musical, deve considerar não apenas as notas em si mesmas, mas também a relação de uma nota com outras.

importantes. O ‘antissemitismo’, por exemplo, era secundário (uma nota de menor intensidade) no fascismo italiano, e apenas se intensificou em certo momento por causa da aliança político-militar da Itália de Mussolini com a Alemanha hitlerista. Enquanto isso, nos Estados Unidos da segunda metade do século XX, o *American Nazi Party* – cujo líder, Lincoln Rocwell, fora um atento leitor de *Mein Kampf* – apresenta o ‘racismo contra negros’ como a nota preponderante de um acorde que pretende replicar o nazismo em solo americano. Já o movimento ultradireitista *Front National* – criado na França, em 1971, por Jean-Marie Le Pen – apresenta a ‘xenofobia’ como nota preponderante de seu acorde, centrando suas principais ações destrutivas na rejeição às leis de imigração, uma demanda social tipicamente francesa. Conforme se vê, ao lado da recorrência de algumas notas em comum, os acordes dos movimentos e correntes de ultradireita se diversificam, de acordo com as demandas sociais e históricas que os afetam. Algumas notas mais específicas parecem adentrar ou abandonar o espaço de identidades neste ou naquele momento; enquanto isso, notas mais típicas da extrema-direita adquirem intensidades distintas, ao mesmo tempo em que outras se movem para o topo ou para a base do acorde (as posições mais visíveis ou audíveis de um acorde, no sentido musical). Da mesma forma, algumas notas estabelecem relações intervalares específicas. Evocando esta metáfora musical, podemos identificar as singularidades, os afastamentos e aproximações entre movimentos diversos.

Uma análise acórdica como esta pode se voltar tanto para a percepção das notas preponderantes em movimentos de ultradireita, como para a caracterização da identidade teórica de autores individuais que poderiam ou não ser associados a estes movimentos. Podemos evocar exemplos simples. Ernst Haeckel (1834-1919) – filósofo, biólogo e médico prussiano que faleceu antes da ascensão hitlerista – era arianista, racista e eugenista, e, embora preconizasse medidas radicais e mesmo violentas em

45 Só ao final da década de 1930, para facilitar a aliança com Hitler, é que surgem medidas antissemitas entre os italianos. Sobre a ausência de hostilidades do primeiro Mussolini em relação à população judaica, ver a longa série de entrevistas que o jornalista judeu alemão Emil Ludwig obteve, em 1932, com o então ditador italiano.

46 Sobre este movimento, e outros similares ocorridos nos Estados Unidos da América – como o *Creativity Movement* – ver a Tese de Doutorado de Mônica Santana, intitulada *Sombras do Nazismo nos Estados Unidos da América: Política e Ideologia no American Nazi Party e no Creativity Movement (1960-1990)* [SANTANA, 2018].

favor desta última concepção, era antibelicista; portanto, dificilmente se enquadraria no acorde nazista. Ludwig Woltmann (1871-1907), antropólogo cujas teorias racistas já comentamos em nota anterior, era arianista, mas não era radicalmente antisemita, e provavelmente não aprovaria uma solução final .

Este mesmo tipo de leitura acórdica também pode ser aplicado a movimentos e a correntes de pensamento e ação. É possível encontrar no vasto universo da ultradireita e do conservadorismo alemão do período que precede a Primeira Guerra, e também do período que se estende depois desta até a ascensão do nazismo, todas as combinações imagináveis de algumas das notas que se mostram características do movimento liderado por Hitler. Para além da Alemanha, e em outras épocas e contextos, o mesmo ocorrerá. Além disso, também podemos encontrar, fora do espectro da direita, tanto nomes individuais como movimentos e identidades partidárias que reúnam *algumas* das notas que aparecem no ‘acorde nazista’. Entrementes, o que caracteriza este último, a nosso ver, é a combinação singular da totalidade das notas atrás mencionadas, e também um certo repertório de maneiras como estas notas se combinam no interior do acorde (relações entre notas, ou ‘intervalos’). Mas esta discussão já nos levaria mais longe.

O modelo de análise proposto também apresenta um potencial comparativo. O fascismo italiano, o integralismo brasileiro, o franquismo espanhol, o salazarismo português, as tribos urbanas neonazistas nas grandes cidades do mundo, as manifestações políticas da ultradireita nas primeiras décadas do novo milênio – estes e outros fenômenos, cada qual com o seu próprio acorde, aproximam-se e se afastam do nazismo a partir de que notas características? No confronto entre dois acordes, e no exame de sua convergência e divergência, ficam mais claros os pontos de aproximação, e também as notas de distanciamento. Os acordes – a exemplo da Música – possuem notas recorrentes e notas diferenciais em relação a outros acordes. Os objetos de estudo que podem ser beneficiados por este recurso teórico-metodológico inspirado na teoria musical são inúmeros e relacionáveis a uma grande variedade de âmbitos temáticos. O nazismo foi apenas um exemplo.

Voltando ao nosso tema em análise, o acorde nazista (e hitleriano) ainda precisa ser completado. Encimando tudo, ali está a ‘intolerância’ –

47 Sobre estes dois exemplos, ver EVANS, 2016, p.75.

radical e totalitária – diante da alteridade: a incapacidade absoluta de aceitar o “outro” político, o outro “racial”, o outro social, o outro nacional, o outro ideológico, e até mesmo – dentro da própria corrente homogeneizada pelo pensamento único já depurado de tudo o que lhe é alheio – a dificuldade de aceitar a variedade de nomes que disputam a função de liderança. O Nazismo, para existir com o seu programa de rejeição absoluta da alteridade e da diversidade, está sempre gerando suas “noites das facas longas”. O seu projeto mais íntimo, mas muito bem explicitado nas várias páginas do livro *Mein Kampf*, é o extermínio do outro. No fim, no limite imaginário extremo, fica-se a impressão de que – em um universo distópico e paralelo que levasse às últimas consequências as implicações da mentalidade Nazista – já não restaria mais nada: no primeiro momento um único Povo, no momento seguinte um único Partido, no momento final um único *Führer*. Sozinho, sem mais ninguém. Depois, o suicídio – revelando que a incapacidade de aceitar o outro não era mais que a forma velada de uma incapacidade de aceitar a si mesmo .

48 O Nazismo – regime político que tem na ‘intolerância totalitária’ a nota mais destacada e proeminente de seu acorde de características – provavelmente iria ocorrer de uma maneira ou de outra, com ou sem Hitler, em vista das circunstâncias históricas, sociais e políticas da Alemanha do pós-guerra. Não deixa de ser significativo, entretanto, que este regime tenha encontrado para seu líder maior um indivíduo com características pessoais tais que alguns analistas levaram a classificá-lo como “psicopata” – distúrbio que se ancora em uma fulcral incapacidade de se colocar mental ou emocionalmente no lugar do outro, ou mesmo de ter sentimentos genuínos em relação às outras pessoas. Em seu estudo sobre *A Mente de Hitler* (1942), o psicólogo Walter C. Langer demonstra, por exemplo, que em algumas passagens de *Mein Kampf* nas quais Hitler pretende estar descrevendo cenas da vida de uma criança alemã de classe baixa, não consegue descrever senão a sua própria infância tortuosa e seu conflituoso ambiente familiar (LANGER, 2018, p.145-147). O psicopata – indivíduo que sofre o transtorno de personalidade antissocial – tem dificuldades de falar sobre o outro, a não ser como simulação útil para alcançar seus objetivos. A capacidade de manipulação, aliás, é outra de suas características. Haveria um candidato mais adequado para ocupar a função de *führer* do Nazismo? O próprio egocentrismo, outra das características relacionadas à psicopatia, ajusta-se de maneira singular ao tipo de liderança preconizado para um líder nazi-fascista.

## *Considerações finais sobre os problemas históricos relacionáveis a esta fonte*

Gostaríamos de destacar, nesta seção final, que o tratamento do *Mein Kampf* como fonte histórica pode ser articulado a inúmeros problemas historiográficos. Se ficam mais evidentes os seus potenciais para suprir esclarecimentos com relação aos modos nazistas de pensamento e ação, aos acordos de identidades relacionados ao próprio nazismo e hitlerismo como movimentos de ultradireita, à história política alemã da primeira metade do século XX ou aos aspectos biográficos relativos à trajetória de vida de Adolf Hitler, assuntos outros podem ser abordados a partir deste tipo de fonte.

Cada uma das posições e oposições de base contra as quais se conforma o nazismo, é claro, constitui um problema historiográfico em potencial sinalizado por esta fonte, que também tem um componente de texto doutrinário e manifesto político. O antissemitismo, anticomunismo, xenofobia, racismo, preconceitos de todos os tipos, racismo, intolerância, fanatismo, anti-intelectualismo – cada qual destes aspectos pode se apresentar como um problema em si mesmo. Os historiadores da política, por outro lado, podem encontrar informações sobre como funcionava o sistema político e jurídico na Alemanha desta época, ou mesmo o seu sistema prisional. Os pesquisadores de história militar podem encontrar informações sobre a guerra. Os modelos misóginos de pensamento que se acham presentes nas sociedades europeias, neste momento, e que se expressam nas páginas desta fonte através de metáforas apassivadoras da mulher e de referências diretas que denunciam o que se esperava das mulheres alemãs na época, podem interessar a uma História de Gênero. Há descrições de ambientes, de objetos e de aspectos cotidianos que interessam a uma História da Vida Material, a uma História do Cotidiano ou a uma História da Vida Privada. A reapropriação de mitologias e imagens pode interessar a uma História do Imaginário, assim como as conexões místicas que se afirmam no nazismo e se expressam na fonte. De igual maneira, pode-se investigar a influência do texto que aqui é abordado como fonte, ou do modelo que ele representa em primeiro plano, em outros modelos e realizações da época e de outras épocas. E, inversamente, podem ser estudados os modelos e linhas de influência que constituem a rede de intertextualidades presentes em *Mein Kampf*. Uma única destas influências ou âmbito de diálogos, por si só, já pode dar ensejo a um trabalho historiográfico de profundidade. As recepções constituem um campo de problemas historiográficos à parte, e cada uma delas pode merecer

um estudo em especial. Como ocorre em todas as fontes históricas, não há limite para os usos que os historiadores podem encontrar para esta fonte, face aos variados problemas historiográficos a serem propostos.

## OBRAS CITADAS

ANDRADE, Débora El-Jaick. (2006). Escrita da História e Política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. *História & Perspectivas*, vol.11, p.211-248.

ANDRADE, Débora El-Jaick. (2002). *O Paradoxo no pensamento de Thomas Carlyle: a resistência à democracia e o culto ao grande homem*. Niterói: UFF (dissertação de mestrado).

ASPREY, R. B. (1986). *Frederick the Great: The Magnificent Enigma*. N. York: History Book Club.

CARLYLE, Thomas. (1897). *Frederick II of Prussia – called Frederick the Great* (8 vol.). London: Chapman and Hall [original: 1858].

CARLYLE, Thomas. (1986). “On History” In: *Thomas Carlyle: selected writing*. Harmondsworth: Penguin Books [original: 1841].

CHAMBERLAIN, Houston Stewart. (1910). *The Foundations of the Nineteenth Century*. London: Ballantyne & Co. Limited [original: 1899].

EVANS, Richard J. (2016). *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Planeta [original: 2003].

FEST, Joachim. (2017). *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [original: 1973].

FEST, Joachim. (2005). *No Bunker de Hitler: os últimos dias do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Objetiva [original: 2005].

HAFFNER, Sebastian. (1979). *The Meaning of Hitler*. Harvard: Harvard University Press [or: 1978].

HITLER, Adolf. (1983). *Mein Kampf*. São Paulo: Editora Moraes [original: 1924].

- HUSS, Pierre J. (1942). *The Foe We Face*. New York: Doubleday.
- KEHL, Renato. (1935). *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves [original: 1929].
- KERSHAW, Ian. (2010). *Hitler*, vols. I e II. São Paulo: Companhia das Letras [orig: 1998 / 2000].
- LANGER, Walter C. (2018). *A Mente de Adolf Hitler*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra [orig: 1942].
- LUDWIG, Emil. (1933). *Talks with Mussolini*. Boston: Little, Brown and Company [original: 1932].
- MUSSOLINI, Benito. (1934). “Preludio al Maquiavelli” In: *Scritti I discorsi di Benito Mussolini*. Milano: Ulrico Hoepli [original: 1924].
- ORWELL, George. (2009). *1984*. São Paulo: Companhia das Letras [orig.: 1948].
- PLÖCKINGER, Othmar. (2011). *Geschichte eines Buches: Adolf Hitlers “Mein Kampf” 1922–1945*. Munich: Oldenburg Verlag.
- ROSENBERG, Alfred. (2016). *The Myth of The Twentieth Century*. London: Ostara [orig: 1930].
- ROSENBERG, Alfred. (2015). *Diários de Alfred Rosenberg, 1934-1945*. São Paulo: Crítica [publicado postumamente em 2013].
- SANTANA, Monica da Costa. (2018). *Sombras do Nazismo nos Estados Unidos da América: Política e Ideologia no American Nazi Party e no Creativity Movement (1960-1990)*. Rio de Janeiro: UFRJ [Tese de Doutorado].
- SHIRER, William L. (2018). *Ascensão e queda do Terceiro Reich: Trinfo e consolidação (1933-1939)*, vol. I. Editora: Agir [original: 1960].
- VITKINE, A. (2016). *Mein Kampf: a história do livro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [orig: 2009].

RECEBIDO EM: 16/12/2019  
APROVADO EM: 20/04/2020